

A fabulação da realidade em Frank Walter

Por Kleber Amancio

A humanidade está mudada, a humanidade está mudando. Dissertar sobre Frank Walter (1926-2009) é uma ocasião ímpar para refletir acerca desse processo. A reorganização do *ethos* da história da arte está em curso e parece irreversível. Estamos diante do caso de uma personagem negra, caribenha, com uma carreira surpreendentemente longa e com uma série de vestígios documentais. Uma rara oportunidade.

Ao longo de sua vida Frank Walter produziu aproximadamente cinco mil pinturas, mil desenhos, duas mil fotografias, seiscentas esculturas (entalhadas em madeira), quinhentas mil páginas manuscritas e datilografadas sobre arte, música, poesia, peças teatrais, história, filosofia e ciência política, além de ter deixado mais de 468 horas de fitas de áudio.

Se nos atermos apenas às suas obras de arte visuais é notável a variedade de formatos, meio e técnicas que utilizou ao longo de sua trajetória. É possível aproximá-lo de artistas tão distintos quanto Heitor dos Prazeres, Wilfredo Lam ou Jacob Lawrence. A paleta vibrante, o desenho desinteressado pela verossimilhança, o apreço pelas simplificações formais e, eventualmente, incursões no abstracionismo nos permite estabelecer paralelos. Entendo, contudo, que uma análise que enfatize primordialmente esses aspectos isoladamente perde de vista a complexidade do material que temos em mãos.

Se a perspectiva renascentista propôs a representação de ideias de realidade convincente, se a arte moderna [europeia/eurocentrada] impetrou, *parasitariamente*, a tradução do primitivismo, Frank Walter apresenta-nos caminhos outros. Lembremos Fanon, “falar é existir absolutamente para o outro”.

Sua produção necessariamente desafia as hierarquias e desigualdades veladas, a pretensa objetividade inerente às narrativas tradicionais, historicamente constituídas, sob o verniz de uma história da arte ensimesmada, objetiva, e supostamente alheada do mundo. A perseverança de Walter na carreira artística, contra um sistema em que não era bem-vindo, foi um ato político importante. O mercado, a crítica e a história da arte apostaram, por muito tempo, num discurso que se queria neutro, técnico e descarnado. Sua consequência política mais ou menos imediata é a obliteração e silenciamento de narrativas de sujeitos subalternizados. Não por acaso sair da grande noite acontece num período em que o enfrentamento ao sujeito soberano tem se radicalizado mundo afora.

A longevidade de sua carreira desautoriza-nos a pensar numa unidade estilística, ao menos aparente. Mas, de certo, há unidade em sua inquietude diante da realidade. A realidade não é retratada, mas antes fabulada em suas obras. Mais do que representar, ela cria elementos que se posicionaram assertivamente na realidade, sua expressividade encapsula os objetos que aborda de tal forma que sabemos muito mais de sua movimentação interior, da maneira como assimila e divulga determinadas ideias ou fenômenos do que tão somente sua percepção visual.

Frank Walter trabalha a partir de uma conexão apazada com seu tempo, com sua existência, com os acontecimentos que vivenciou e com o conseqüente desenvolvimento de suas produções. A relação que os afro-caribenhos estabelecem com suas ex-metrópoles é diversa daquela do Brasil, e isso verifica-se tanto nas tradições intelectuais que ali se formaram quanto nas formas artísticas. A trajetória de Frank Walter entre Europa e Caribe o aproxima de figuras como Frantz Fanon, Aimée Cesaire e Henry Osawa Turner. Todos reestruturaram a experiência afrodiaspórica depois de um período na metrópole. A busca por uma identidade visual reconhecível, em nenhum momento, parece sobrepujar seu compromisso com a necessidade de expressar-se adequadamente em cada ocasião. Passear pela sua obra é observar a história desde um corpo estruturalmente subalternizado e ávido por registrar/expressar sua voz, seus entendimentos e desejo de intervenção. A crítica da subjetividade, da identidade cultural negra e da representação do sujeito são temas frequentes.

É compreensível que, para os leitores brasileiros, a comparação com aquilo que a crítica euro-branco-cêntrica convencionou chamar de *naïf* seja tentador. Entretanto, convido-os para, inicialmente, atentar para a inadequação contemporânea desse conceito, haja visto sua inerente colonialidade e incapacidade de explicar os fenômenos em questão. Se comparamos sua obra com a da artista brasileira Maria Auxiliadora Silva, por exemplo, a maneira como ambos organizam a imagem guarda semelhanças; seja na expressividade das cores, na estilização dos corpos ou na disposição por narrar o prosaico, reminiscências de suas memórias. Embora ele tenha se interessado pela produção de artistas modernos, como Gauguin e Vallotton, suas obras são projetos alinhavados a partir da matéria bruta, não de idealizações narcísicas como propuseram Picasso, Braque, e Tarsila do Amaral. Ele observa a experiência não europeia como sujeito e narrador.

O conjunto de obras que vemos nessa exposição evidencia esses aspectos. Nas paisagens, o ponto de vista de Walter é sempre mundano, ordinário e parcial. Em *Self-portrait with Warwick* (1984), por exemplo, vemos uma figura humana acompanhada de um animal que bebe água às margens de um rio/lago. A personagem é encapsulada por uma vegetação que avança, simetricamente, para os dois lados da tela. Ao fundo um terreno plano, campestre e que se encerra aos pés de uma dramática cadeia de montanhas. O céu é turvo e agitado. Tanto a figura humana quanto o quadrúpede são solidamente pretos. Impenetráveis. O limite físico da obra sugere a continuidade para além do que podemos enxergar. Seja o sol, apenas sugerido, ou o restante da cena.

Nessa pequena pintura, a dimensão do trabalho contrasta com a amplitude do tema. A miniaturização da paisagem enfatiza, paradoxalmente, pelos contrastes do colorido, a complexidade da percepção do artista. A vegetação e o céu são apresentados com mais variedade de cor e detalhamento de contorno do que a figura humana e o animal. Essa ênfase na natureza observada em detrimento daqueles que a contemplam, permite aproximações de formas tradicionais da representação de pessoas negras em pinturas europeias coloniais. Elas apresentavam corpos subalternizados como objetos disponíveis para o trabalho, o sexo ou meramente como tipos e borrões. Diferentemente, a personagem de Walter não está disponível a nenhuma imposição violenta, localiza-se distante de qualquer sofrimento. A falta de detalhe, inclusive, enfatiza aqui a sua humanidade singular e inapreensível, em uma paisagem misteriosa e desconhecida. A natureza não é paradisíaca, mas expressiva e forte, como um lugar que não se oferece com facilidade, é resultado de uma interioridade em densa formulação.

O atual interesse por sua obra faz parte de um movimento maior. É ponto pacífico que as culturas afro-atlânticas têm uma importância vital para uma renovada compreensão da modernidade global. Nesse sentido a agência de Frank Walter ganha especial relevo. A sua experiência afro-diaspórica, seu percurso no Atlântico e vivência de diferentes formas do racismo materializou-se em sua obra como afirmação e invenção de sua humanidade. A densidade de sua proposição remonta o desafio civilizatório pós-colonial.